



ISSN 2178-868

José Francisco Alves

N
O
L
I
M
I
T
E

Ana Lúcia Beck

I
M
A
G
E
N
S
M
A
R
G
I
N
A
I
S

REGINA SILVEIRA

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Fernando Fuão

A COLA

Roberta Prestes

Redescobrimdo o Brasil: a pintura de Glauco Rodrigues

as partes

Revista do Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre

n.º 4
Out/2010

Rita Vieira da Rosa

NEM TODO ENIGMA FAZ SENTIDO

José Cirillo

CRÍTICA GENÉTICA

Betina Rupp

C
U
R
A
D
O
R
I
A

SALA X

Ocupações 2008-2009

NOTAS

Prêmio do Atelier Livre na Espanha **pág. 2**

O Cinquentenário vem aí **pág. 2**

O Atelier Livre renovado **pág. 3**

Nem todo enigma faz sentido

Rita Vieira da Rosa **pág. 4~5**

Crítica genética: desvelando arquivos e documentos de artistas

José Cirillo **pág. 6~7**

A Cola

Fernando Fuão **pág. 8~11**

Imagens marginais

Ana Lúcia Beck **pág. 12~13**

Especial para As Partes

REGINA SILVEIRA

as partes

Sumário

n.º 4

Out/2010

pág. 14~15 [Central]

Redescobrimo o Brasil: a pintura de Glauco Rodrigues

Roberta Ribeiro Prestes **pág. 16~17**

Curadoria: entre modismos e tendências

Betina Rupp **pág. 18~19**

No Limite

Jose Francisco Alves **pág. 20~23**

Sala X

pág. 24~27

AGENDA @ Notícias

pág. 28

No limite

José Francisco Alves

com colaboração de Rogério e Silvia Livi

Vasto Pampa, descampados, clareiras escondidas, praias gélidas, fronteira com orientais e correntinos. Ainda que poucos saibam, nas divisas do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai existem arrojadas obras de arte contemporânea, implantadas há pouco mais de um decênio. Não são obras quaisquer, apesar da escassa divulgação e (pouca) memória das notas veiculadas, aqui e ali. São de autoria de importantes artistas brasileiros, comissionadas para as efêmerides dos quinhentos anos da conquista do Brasil pelos colonizadores portugueses; ou, como se chamou à época: os Quinhentos Anos do Brasil.

Trata-se do projeto *FRONTEIRAS*, realizado pelo Itaú Cultural. Foram convidados artistas para projetarem trabalhos de arte permanentes, em locais fronteiriços do Brasil, depois restritos à região do Mercosul. O Rio Grande do Sul, o “Sentinela do Brasil” nos séculos XVIII e XIX, recebeu a metade das obras: *Mesa*, de Nelson Félix (RJ, 1954), em Uruguaiana; *Minuano*, de Nuno Ramos (SP, 1960), em Barra do Quaraí; *Aleph*, de Ângelo Venosa (SP, 1954), em Sant’Ana do Livramento; e *Três Livros e Meio*, de Arthur Barrio (Porto, Portugal, 1945), em Chuí e Santa Vitória do Palmar.

Poucos perceberam as notas na imprensa gaúcha, mas entre 1999 e 2000 os comissionadores bandeirantes aqui aterrissaram. Vieram com seus artistas para conhecer o terreno e montar seus marcos. Tudo chegou pronto, envolvendo ali e aqui a mão-de-obra barata local. Ergueram obras, bem impressionaram, mal impressionaram, deixaram legados às prefeituras atônitas com os seus presentes, que deviam elas cuidar, preservar e divulgar.

Passados dez anos, o *FRONTEIRAS* — que foi a iniciativa pioneira no país em instalar obras de arte contemporânea, em paisagens distantes e em locais de difícil acesso — ficou esquecido. O destino dessas obras está sendo verificado agora, no projeto de tese de doutorado que desenvolvo no Instituto de Artes da UFRGS, que inclui os desdobramentos da proposta, e o comparativo com um projeto similar, na Europa.¹

A primeira ação foi óbvia, conhecer *in loco* os trabalhos; algo insólito numa época em que, mesmo nas metrópoles, ver a matéria na imprensa ou as fotos nos portfólios e catálogos equivale a ver as próprias obras... Até então, as obras do *FRONTEIRAS* no RS só haviam sido testemunhadas pelos próprios artistas, seus críticos e equipes, e reproduzidas somente em livros dos mesmos artistas e por meio de uma publicação tardia do Itaú Cultural.²

De pronto, a empreitada já se mostrou difícil. Cidades em pontos bem distantes entre si, do início ao fim do roteiro. Obras ignoradas em lugares pouco conhecidos. Por isso, talvez, o itinerário ainda se mantivesse inédito. Para cumprir a tarefa, a parceria de Rogério Livi e Silvia Livi: co-autores, amigos, pesquisadores e orientadores *ad hoc* do longo percurso. Trajeto este, realizado sem nenhum tipo de ajuda oficial, quer do meio acadêmico ou da instituição realizadora do *FRONTEIRAS*. Pesquisa financiada pelo pesquisador-doutorando, em parceria com os *pesquisadores-apoiadores associados*, Rogério e Silvia.

19 de junho. Saída de Porto Alegre; Rumo: extremo sul do Brasil, cidade de Chuí. Hora da partida: 8:08h; odômetro marca 20357. 8:36h, pedágio - R\$ 7,00 - Guaíba; 8:47h, pedágio - R\$ 6,00 - Guaíba; 10:25h, pedágio - R\$ 7,20 - Cristal; 11:20h, pedágio - R\$ 7,20 - Pelotas; 12:16, Pedágio - R\$ 7,20 - Rio Grande...

Passagem pela reserva ecológica do Taim, chuva torrencial, animais mortos na pista. Mais adiante, os olhos atentos dos pesquisadores encontram remanescentes da *Biblioteca de Pedras* de Arthur Barrio. Conforme a versão de um habitante do lugar, “as pedras há mais de 40 anos ali estão, vindas com contrabando de armas...”

Trajeto direto, a chegada ao extremo, a pequenina Chuí. Os olhos dos espantados funcionários da prefeitura municipal comprovam o que ouviram por telefone: “eles vieram atrás das *pedras*”... Durante dez anos, ninguém soube delas. As 17:04h, primeiro contato com um dos *livros* de Arthur Barrio. Quilometragem: 20948. Nos animamos, a obra estava muito bem, no mesmo lugar; porém, anônima. Gigante imperceptível em meio ao descampado, local prometido para a futura primeira praça do bairro...

A segunda *pedra*, ou *livro*, após conversas entre os locais, estaria em outro bairro. Fomos até lá. 17:22h, contato com a segunda *pedra*, 20950 km. A surpresa: a peça estava jogada de lado, semi-enterrada, junto a um valão. Em 2000, Arthur Barrio havia escolhido este terreno, pois era da prefeitura municipal, constituindo-se num descampado ideal para um dos *livros*. Com o passar dos anos, a prefeitura cedeu o terreno para a instalação de uma pequena metalúrgica... Resultado: a peça foi empurrada para fora do terreno e tombou na valeta, irreconhecível. Resta abandonada, esquecida, ignorada, quase coberta por vegetação...

20 de junho. 8:51h, saída para a praia de Barra do Chuí, extremo sul do Brasil, a 9 km de Chuí, mas pertencente ao município de Santa Vitória do Palmar. 9:22h, Ponte Brasil-Uruguai, Barra do Chuí, 20966 Km. Temperatura ao ar livre, em torno de 0°C.



Minuano, 2000. Barra do Quaraí-RS. Nuno Ramos

9:39h, contato terceira *pedra* de Arthur Barrio; odômetro: km 20967. Junto ao farol, praia gélida, casas de dimensões minúsculas, serviços, comércio, a maioria traz dizeres em castelhano, tudo “se alquila”, “se vende”; vemos a “carnicería”, a “panadería”... nem parece o Brasil... Corrente do Arroio Chuí em direção ao continente. Ao lado do *livro*, uma placa de ferro, que na região talvez reconheçam como monumento ou obra de arte, embora profundamente corroída, sem traços de escrita ou desenho. As *pedras-livros* ou são ignoradas ou tidas por todos que abordamos como, talvez, “marcos de fronteira”.

Início das buscas à quarta *pedra*. 10:20h, investigação em bolicho castellano, km 20970. Nada viram. Volta à Chuí. Reunião na Secretaria do Turismo e Cultura. Quem conheceria a quarta *pedra*? Alguém a viu? Ouvimos rumores que uma das *pedras* foi jogada, de barco, no fundo do mar. Uma testemunha, que se gaba da história, foi localizada por telefone. Arguida, volta atrás: “ver, não vi”... A Secretária de Cultura em 2000, por telefone, acha que jogaram a *pedra*, “mas ver, não viu...”. O prefeito da época, por sua vez, duvida de tal proeza... Teria acontecido?

Mas e a quarta *pedra*? Ela consta reproduzida no livro oficial do *FRONTEIRAS* (editado pelo Itaú Cultural). O caminhoneiro que levou essa *pedra* até a Barra foi localizado por telefone (estava em SC): “Não me lembro mais do local...”. 14h, volta à Barra do Chuí, continuação da busca. Parada em Janela do Mar apart-hotel: km 21005. Proprietário uruguaio, bem solícito, esforça-se. Veredito: “Nunca vi...”. Seguimos vários quilômetros adiante, em estrada de areia e barro. Carro 4 x 4, sem problemas; abordamos os peões encarregados de camperiar o local: garantiram que tal *pedra* não existia por aquelas bandas. Retornamos, olhos atentos, mas nada de *pedra*... Desistimos.

15:47h, saída de Chuí. Na aduana brasileira, a oficial inquire. Mas carregávamos só boas lembranças e muitas histórias; no visor do odômetro: km 21024.

16:45h, parada na *Biblioteca de Pedras*. Em Chuí, a mitologia local desses gigantescos blocos de *pedra* fala em negociata. As leis da época facilitariam uma burla: há cerca de 30 anos, importá-las legalmente do Uruguai renderia dividendos polpidos, na operação de exportação, mexendo com dólar... O certo é que as *pedras* (que diziam ser para forte do lado uruguaio) ficaram deste lado da fronteira, cujos “rendimentos” resultaram os *livros* de Arthur Barrio.

Três livros e meio é uma obra sui generis, que jamais se pode ver como um todo, mas é um convite à busca, ao encontro das paisagens, a pensar na formação das *pedras*, confrontando páginas de *livros* com as camadas da Terra, em referência geológica.

Fim de tarde maravilhoso ao cruzar a reserva do Taim; animais comemoram o fim dos dias de chuva...

18:42h Pedágio – R\$ 7,20, no caminho Rio Grande – Pelotas. 17:06h, Hotel Cury, Pelotas, pernoite na “Princesa do Sul”.

21 de junho. 08:47, saída de Pelotas, 21280 km. Destino: Sant’Ana do Livramento. 10:54h, passagem ao largo de Bagé. 21463 km.

Tarde de chuva intensa ao chegar à Sant’Ana do Livramento. Visita ao Departamento de Cultura da cidade. Dão-nos notícias ruins, a obra de Ângelo Venosa não existiria mais... Algo no ar... O que teria acontecido com a imensa *Aleph*? Afinal, não é bem assim desaparecer com tal obra de arte, espécie de labirinto, com quase 40 m de diâmetro, altura entre 40 e 60 cm, feito de *pedras* de grés da região.

Frio de ‘renguear cusco’... Noite de temperatura negativa. Aguardamos o dia seguinte para tentar desvendar o mistério.

22 de junho. 10h. Visor: km 21652. Chegada ao Parque do Batuva, da prefeitura municipal. Muita conversa com a gerência do parque. Fomos vasculhar o espaço onde deveria estar a imensa obra idealizada por Ângelo Venosa, em excelente localização, próxima ao lago. Somente achamos uns cacos de pedras agregadas com cimento... “Foi coisa da gestão anterior...” o que mais ouvimos, e só. Saímos desiludidos — e desconfiados — do parque. O destino de *Aleph* nos parece ter sido mais complexo do que a “história oficial”...

10:42h, destino: Uruguaiana. Maravilhosas paisagens dos pampas da fronteira, belas estâncias, emas (nhandu) soltas pelo campo, pasto; até mesmo desertificação em certos locais se viu. Como podem maltratar a terra desse jeito? O ganha-pão? Passagem ao largo de Quaraí, outra cidade fronteiriça com o Uruguai. Conversão à direita, rumo à BR 290, com direito a parada no célebre Cerro do Jarau (rodovia RS 377).

13:30h, chegada ao Hotel River, Uruguaiana.

14:05h, saída de Uruguaiana, rumo a Barra do Quaraí; passagem pelos quartéis do Exército. 14:10h, parada ao largo do Campus da PUC-RS /Unipampa, no km 586 da BR 470, ainda em território de Uruguaiana. Contato visual com *Mesa* (Nelson Félix). Porém, seguimos adiante.

14:47h. Entrada junto à Agropecuária São João, km 634 da BR 470. Quilometragem do veículo: 21946. Contato com *Minuano* (Nuno Ramos).

Antes de chegar a *Minuano*, um pequeno desvio. Visita à Estância São Pedro, que pertenceu ao considerado “último caudilho”, o embaixador Batista Luzardo, fazenda que foi refúgio de Getúlio Vargas, em várias oportunidades. O atual proprietário gentilmente nos acolheu e, perguntado sobre os mármores de Nuno Ramos, demonstrou que restou má impressão dos produtores do *FRONTEIRAS*, em 2000. Estância estranha, fabulosa, mítica, com pano de fundo o Rio Uruguai e a Argentina. Galpões, caixa d’água e estruturas de ferro produzidas em princípios do século passado, na Escócia. Maquinário agroindustrial centenário, obsoleto, museu da agropecuária a céu aberto. Jaulas que abrigaram leões, tigres, faisões e outros animais exóticos, por volta da década de 1930. “Matava-se um boi por dia para alimentá-los”. Tudo isso, resquícios de uma época de riqueza e opulência da agropecuária do Rio Grande do Sul...

Após essa visita insólita, mas interessantíssima, nos detivemos em apreciar o belo momento do pôr-do-sol, em meio aos mármores de Nuno Ramos. Um conjunto de cinco blocos, cada um com cerca de 3 metros de altura e um imenso espelho incrustado. Peças bem trabalhadas, com qualidade, vindas do estado do Espírito Santo, com acabamentos em São Paulo. O jogo de espelhos, em meio ao pampa, impressiona. Nada próximo, só os reflexos dos blocos entre si, da paisagem e de nossa presença, se entrelaçando, no meio do nada. Um dos blocos caído, ação do tempo, que com ajuda da chuva, fez a mesma pender-se para trás, até tombar. Luta da natureza contra a obra, algo inesperado... 17:45h. Saída de *Minuano*. Visor: km 21952.

23 de julho. 08:28h, saída do Hotel River, Uruguaiana. 09:20, chegada à PUC-RS. Visita à *Mesa*. Obra que impressiona. A ousada ideia de Nelson Félix conferida em todos os detalhes. Chapa de aço anti-corrosivo, com cerca de 50 metros de comprimento, no meio do campo, sobre estrutura provisória de toras de eucalipto. Onze árvores plantadas de cada lado da chapa de aço, que exigem, ainda, um cuidado constante. Em crescimento, as figueiras já se destacam ao longe, vistos da BR 470 como se fosse um pequeno capão de mato. De perto, conferimos que algumas figueiras já tocam e começam morder a borda da chapa. Em pouco mais de dez anos de vida, o almejado pelo artista parece em ritmo de concretizar-se. Ficamos impressionados, e animados. Sentimos a importância das pessoas do local que, em contato com artista, criam laços com a obra e ajudam a preservá-la.

10:44h, saída da PUC-RS; km 22027. 14:04, almoço – Rosário do Sul, km 22272. 16:59, pedágio, R\$ 6,00 – Pantano Grande, km 22528. 18:12, pedágio, R\$ 6,00 – Charqueadas, km 22622.

18:59h, chegada em Porto Alegre. Visor do odômetro: km **22663**, ou seja, **2306** quilômetros percorridos, em cinco dias de julho de 2010.

Todas as quatro obras de arte conferidas.

Notas

1 Projeto de obras *land art*, pertencentes ao Centro de Arte y Naturaleza [CDAN], na Diputación de Huesca, Nordeste da Espanha, junto aos Pirineus. <<http://www.cdan.es/>>. Projeto idealizado pelo crítico espanhol Javier Maderuelo. Obras conferidas pelo autor e colaboradores Rogério e Silvia Livi, em outubro de 2010.

2 Livro *Fronteiras* (Itaú Cultural, São Paulo), lançado em 2005, com ensaio crítico de Sonia Salzstein e entrevistas com a maioria dos artistas.

José Francisco Alves →

Professor de Escultura do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Doutorando em Artes Visuais pela UFRGS..



Mesa, 1999. Urugaiana-RS. Nelson Félix